

## CORREIO BASTIDORES

POR  
FERNANDO MOLICA

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Petistas esperam reação do presidente em pesquisas

## Pesquisas e as chances de não se ter Lula lá na eleição

A nova pesquisa Datafolha gerou, entre petistas, dúvidas sobre a possibilidade de o presidente Lula continuar na campanha de reeleição caso sua situação não melhore até junho/julho.

Por enquanto, ninguém fala em um troca de candidato, mas há o temor de que a chamada “fadiga de material” em relação ao presidente seja algo incontornável.

O bom desempenho de Fernando Haddad em pesquisas para o governo paulista tem sido citado como um contraponto à estagnação de Lula.

O ex-ministro seria uma alternativa óbvia caso o presidente desista de tentar a reeleição. Mas, por enquanto, as ordens são investir em Lula, aguardar e torcer.

## Plebiscito

Há a certeza de que dificilmente fatos novos serão capazes de quebrar a polarização que tende a transformar o pleito em um novo plebiscito: em 2022, Jair Bolsonaro é que foi julgado; em 2026 será a vez de Lula. As simulações de segundo turno que mostram empate técnico do petista contra Ronaldo Caiado (PSD) e Romeu Zema (Novo) e a rejeição de Lula e de Flávio reforçam que o país continua dividido e pouco disposto a mudar.

Paulo Pinto/Agência Brasil



Fernando Haddad é a alternativa mais óbvia

## No reino dos muitos “se”

Na avaliação de petistas, é preciso esperar para ver o que vai acontecer. Fala-se em uma lista de possibilidades: se haverá algum escândalo devastador, se haverá indícios de recuperação de Lula, se o crescimento de Flávio Bolsonaro será interrompido e se algum outro candidato demonstrará tendência de crescimento.

A primeira leitura, porém, é de que o quadro indica uma consolidação, inclusive da candidatura do primogênito de Jair Bolsonaro, que já estaria sendo visto como o antagonista preferencial de Lula.

## A próxima vítima da guerra

Há também o temor de que a guerra ao Irã se estenda e gere consequências impossíveis de serem controladas, como aumentos nos preços do combustível e, em consequência, dos alimentos. O governo sabe que diante do susto no posto de gasolina ou diante da prateleira do supermercado, o eleitor não vai xingar Donald Trump ou Benjamin Netanyahu, reclamará de Lula.

## Dúvidas

E aí entram questões internas: Lula, que disputará sua sétima eleição presidencial, será visto como alguém capaz de apresentar soluções inovadoras?; ele que fará 81 anos em outubro, terá disposição para correr o risco de encerrar a carreira com uma derrota para um filho de Bolsonaro?

## Novidade

Na entrevista que concedeu semana passada ao ICL, Lula admitiu a possibilidade de não tentar a reeleição. Falou que “dificilmente” deixará de ser candidato, mas reconheceu a importância de renovar sua plataforma ao afirmar a necessidade de apresentar “um programa, uma coisa nova pra esse país”.

## Acórdão já

O universo político fluminense aguarda para hoje a publicação do acórdão do julgamento do ex-governador Cláudio Castro feito Tribunal Superior Eleitoral. A divulgação do texto permitiria, em tese, a retomada da definição, pelo Supremo Tribunal Federal, do processo de escolha do governador-tampão.

## Operação

Há quem veja uma segunda intenção na atitude de Flávio Dino de pedir vista do caso: ao interromper o julgamento, ele daria tempo para deflagração de nova operação contra deputados estaduais fluminenses, o que seria capaz de afetar a credibilidade da Assembleia Legislativa, que elegerá o governador-tampão em caso de eleição indireta.

## Livros 1

A criação da plataforma MEC Livros, biblioteca virtual que permite o empréstimo gratuito de cerca de oito mil livros para leitores digitais, exigiu uma delicada negociação com detentores de direitos. Muitas das obras não estão em domínio público — o que só ocorre 70 anos depois da morte do autor.

## Livros 2

Para os casos em que há vigência de direitos autorais, foram feitos contratos que estabelecem limites de empréstimo de acordo com as licenças digitais adquiridas de cada obra. Quando o número é atingido, o usuário é levado para uma fila de espera virtual. A biblioteca já conta com mais de 291 mil usuários.



Apoio de Mendonça ajuda no caminho de Messias

## Gesto de Mendonça muda o jogo de Messias

## Aceno público não garante votos, mas desarma rejeição

Por Beatriz Matos

A poucos dias de entrar na fase decisiva no Senado, a indicação de Jorge Messias ao Supremo ganhou um elemento novo, e menos óbvio, na engenharia política: o apoio público do ministro do STF, André Mendonça.

O gesto ocorreu em São Paulo, durante uma cerimônia na Assembleia Legislativa, onde o ministro do STF recebeu uma honraria em um ambiente marcado pela presença de lideranças ligadas ao bolsonarismo. Foi ali, diante desse público, que Mendonça fez a declaração que acendeu o alerta em Brasília.

Ao discursar, o ministro lembrou sua trajetória na Advocacia-Geral da União e, ao se dirigir a Messias — atual chefe da AGU e indicado de Lula — afirmou que fazia votos para que ele deixasse o cargo “por um bom motivo”, para estar “em breve” ao seu lado no Supremo.

André Mendonça atravessa um momento de forte protagonismo no Supremo, especialmente por estar à frente de casos de alto impacto político, como as apurações sobre fraudes no INSS e os desdobramentos do escândalo do Banco Master.

O gesto vem ainda em um momento no qual o governo Lula enfrenta problemas de popularidade. Pesquisa Datafolha divulgada no sábado (11) mostra redução da vantagem do presidente

na corrida presidencial. Ele agora empataria num eventual segundo turno não apenas com o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). Mas também com os ex-governadores de Goiás Ronaldo Caiado (PSD) e de Minas Gerais Romeu Zema (Novo).

A sabatina está marcada para o dia 29 de abril, após meses de espera desde o anúncio feito em novembro de 2025 e formalizado apenas no fim de março deste ano. Nesse intervalo, Messias já percorreu muitos gabinetes, mas viu sua indicação ficar travada por divergências políticas. É nesse cenário que o apoio de Mendonça passa a ter valor estratégico.

Para o jurista e analista político Melillo do Nascimento, o gesto não tem nada de espontâneo. “Aqui não há milagre ecumênico nem surto de fraternidade tropical. Há cálculo político bem desenhado”, afirma. Segundo ele, o local e o contexto do apoio — um evento com forte presença do campo bolsonarista — foram escolhidos justamente para produzir efeito.

Para o professor de direito penal do Ibmecc Brasília, Tédney Moreira. Para ele, a exposição pública de Messias e o diálogo com diferentes setores fazem parte de um movimento calculado. “É uma forma de apresentação de uma abertura para o diálogo com várias frentes da sociedade, garantindo um arrefecimento da resistência”, afirma.